



## GUARDAR O CORPO... A PRODUÇÃO DOS CORPOS NAS NARRATIVAS DOS JOVENS

Vilma Nonato de Brício<sup>1</sup>

### Resumo

Neste trabalho apresento resultados preliminares da pesquisa “Sexualidades na escola: corpos e subjetividades nas narrativas juvenis”. O trabalho com narrativas de jovens nos possibilita conhecer como estes produzem suas experiências sobre corpo e sexualidade na escola e fora dela. A partir de Larrosa (2004) problematizamos as narrativas como modo de inventar-se e nesse processo são inventadas as relações com o corpo seja pelas transformações ou pelas questões que suscitam ao neles serem inscritas marcas da sexualidade. Na nossa cultura o corpo passa por processos de normalização na família e na escola, em que são investidos tempo e espaço nesse empreendimento.

**Palavras-chave:** Narrativas. Corpo. Normalização.

### Introdução


Na juventude os corpos ocupam um lugar central na produção das experiências e da subjetividade, seja por sua imbricação com a produção de gênero e sexualidade, seja pelas composições de forças de saber-poder que os constituem<sup>2</sup>. Entretanto, apesar de já haver um gama de produções acadêmicas sobre os corpos fora dos campos de saber biológico e médico, estes ainda são vistos apenas pelo viés biologizante ou medicalizante. Os debates sobre corpo, gênero e sexualidade têm se intensificado na contemporaneidade, em um movimento de dupla via, pois se de um lado as pesquisas sobre a temática tem aumentado e fundamentado as lutas acadêmicas e políticas de combate à homofobia, à misoginia e ao sexismo, por outro observamos uma onda ultraconservadora em que tais preconceitos se reacendem em debates políticos, religiosos, educacionais que visam “amordaçar” pesquisadores, professores e sociedade civil organizada que fazem frente a tais atrocidades.

Desse modo, a pesquisa “Sexualidades na escola: corpos e subjetividades nas narrativas juvenis” possibilita mostrar a escola como espaço-tempo generificado e

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará. [briciovn@gmail.com](mailto:briciovn@gmail.com)

<sup>2</sup>Utilizo o termo juventude por considerarmos sua potência de resistência mais que o termo adolescência muito vinculado ao no discurso (psico)pedagógico como enfatiza Maria Rita de Assis César (2008).





sexualizado (LOURO, 1997) no qual os jovens se constituem a partir de práticas que envolvem relações de saber-poder (FOUCAULT, 2005), embora os sujeitos que fazem parte dela, direção, coordenação pedagógica, docentes, família muitas vezes pensam ser um espaço “dessexualizado”, tentando empurrar a questão apenas para o campo privado<sup>3</sup>.

A escola básica opera na produção dos corpos dos jovens, por meio de diferentes dispositivos pedagógicos, curriculares, avaliativos, livros didáticos entre outros artefatos pedagógicos que tentam controlar as múltiplas formas de viver e experimentar os gêneros e as sexualidades, mas que sempre encontram espaços para diferentes atravessamentos e posições de sujeitos por vezes contestadas (LOURO, 2003). A partir dessas questões problematizamos: Como as narrativas produzidas pelos jovens da educação básica evidenciam as múltiplas formas de viver e experimentar a constituição dos corpos no ambiente escolar? A partir desta questão, o objetivo do projeto é perscrutar as narrativas produzidas pelos jovens da educação básica sobre as múltiplas formas de constituição dos corpos e as capturas e sedições que produzem.


Os caminhos investigativos foram guiados pelas pistas teóricas e metodológicas propostas por Michel Foucault (2005, 2004) e Jorge Larrosa (1994) de modo que as narrativas produzidas pelos jovens foram exploradas em suas condições históricas que fazem aparecer as relações de saber-poder que as constituem. Desse modo, as narrativas são pensadas como “[...] modo de discurso, [que] está já estruturada e pré-existe ao eu que se conta a si mesmo. Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado” (LARROSA, 1994, p. 71). Portanto, o trabalho com narrativas de jovens sobre o corpo “[...] implica sempre o envolvimento com as histórias que as pessoas contam, com as recriações e com os significados atribuídos às experiências vividas e narradas” (SILVA, 2008, p. 03), deslocando assim a centralidade do conhecimento escolar no currículo para o corpo normalizado em vários âmbitos da educação escolar como no próprio currículo, como na delimitação do espaço e do tempo, na avaliação etc.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública de Ensino Médio do Município de Abaetetuba/PA. As entrevistas narrativas foram realizadas com 06 jovens com idade acima de 18 anos, que tiveram suas identidades resguardadas e que autorizem a participação na pesquisa mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas

---

<sup>3</sup> Pesquisa “Sexualidades na escola: corpos e subjetividades nas narrativas juvenis” (PRO1378-2017), financiada pelo Edital PRODOUTOR (2017-2018).





abordaram 3 eixos: corpo, gênero e sexualidade. Para os propósitos desse texto, apresentamos apenas um recorte da pesquisa e das narrativas sobre as questões relacionadas ao corpo.

### **Corpos em transformação e narrativas de normalização**

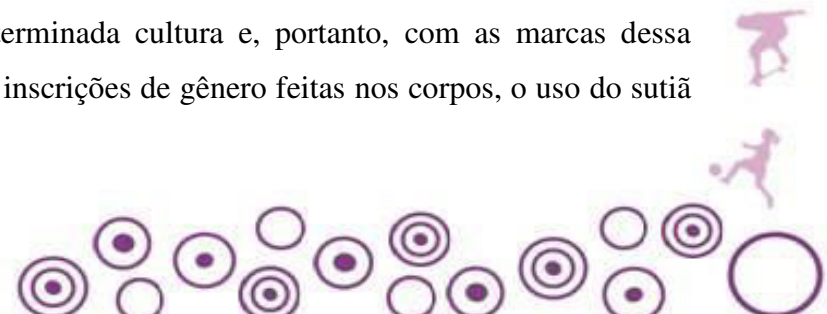
As narrativas de jovens sobre corpo [gênero e sexualidade] “[...] são assumidas como relatos em meio aos quais, através da linguagem, os sujeitos significam a si próprios e a suas práticas e experiências nomeadas, definidas e relatadas” (SILVA, 2008, p. 02).


As narrativas produzidas por jovens sobre seus corpos dão significados as experiências vividas em diferentes espaços-tempos, com diferentes sujeitos e constituem suas subjetividades, para as quais a linguagem é fundamental para nomear tais experiências, relatá-las, transformando suas experiências em “estórias que contamos uns aos outros e a nós próprios” (ROSE, 2001, p. 151). As narrativas construídas por jovens não dão visibilidade as suas vozes visando uma supervalorização do indivíduo de forma narcisista, mas nos ajudam a compreender como os jovens constituem suas subjetividades e as práticas de normalização e formas de resistências construídas nas relações de saber-poder que se engendram em instituições sociais como a escola, a família, a comunidade, a mídia etc.

Os “rastros de memória” nas narrativas pessoais produzida por Mayara, uma jovem de 23 anos, nos evidenciam que suas histórias foram construídas em relação às histórias que escutou de sua mãe, na escola, das histórias que leu ou assistiu na TV, pois nossas “[...] histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas” (LARROSA, 1994, p. 48).

[...] percebi que essa parte minha [aponta para o próprio quadril] estava ficando mais cheia digamos, crescendo. Percebi também que quando eu era criança eu era mais gorda, aí quando eu fiz dez anos dei uma afinada, não sei o que aconteceu. Eu emagreci, eu não tinha cintura era uma bola, aí tipo dei uma afinada, isso foi uma diferença que eu senti, percebi também que os pêlos do meu corpo e também um cheiro, um odor horrível nas axilas. Isso também me incomodava, isso me incomodava porque tipo assim, é uma transição né. Tipo de criança pra ficar adulto. [...] Aí eu tive a fase usar sutiã, isso eu não queria usar, o sutiã me incomodou porque eu usava top, que o sutiã eu não queria usar, eu até dizia que eu não queria crescer, (risos), era uma coisa que me incomodava [...]

A percepção das transformações no corpo biológico produz questionamentos sobre esse processo de transição, sobretudo pelas normalizações de gênero e sexualidade que tais mudanças produzem. “A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 6). Entre as inscrições de gênero feitas nos corpos, o uso do sutiã





pode ser visto como algo desejado pelas meninas que querem sair da infância e um incômodo para meninas que ainda estranham as transformações físicas do corpo como Mayara.

O corpo, segundo Foucault, está preso no interior de poderes específicos, pois este “[...] se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle” (FOUCAULT, 2006, p. 83). Um tênue poder sobre o corpo emerge, por exemplo, na necessidade de se usar novos acessórios para “proteger o corpo” à medida que ele se transforma, como o sutiã. O sutiã funciona como um marcador identitário de gênero que marca a passagem de menina para a mulher em que o investimento sobre o corpo institui uma normalização de gênero, como parte do aprendizado do que supostamente constitui papel e comportamento de meninas (LOURO, 1997).

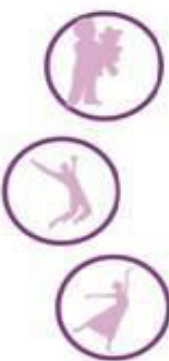
A noção de normalização analisada por Foucault (2005, 2006) nos ajuda a problematizar as relações de poder que se constituem em torno do corpo. “A normalização, para Foucault como para Georges Canguilhem, constrange para homogeneizar as multiplicidades, ao mesmo tempo que individualiza, porque permite as distâncias entre os indivíduos, determina níveis, fixa especialidades e torna úteis as diferenças” (PORTOCARRERO, 2004, p. 175). Nesse sentido, todas as meninas precisam agir da mesma forma quando os seios crescem, pois se convencionou pensar que “o normal” é usar o sutiã. “Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ela introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais” (FOUCAULT, 2003, p. 154).

No quadro da ideia de uma *igualdade formal* entre as meninas na transição da infância para a juventude a estratégia de normalização homogeneiza as formas de se vestir e se comportar, independente dos aspectos sociais, econômicos, culturais, religiosos etc. A normalização utiliza “práticas de divisão do sujeito em seu interior e em relação aos outros. Trata-se de saberes e práticas que atingem a realidade mais concreta do indivíduo, seu corpo” (PORTOCARRERO, 2004, p. 170).

Esses saberes e práticas são acionados por diferentes instâncias sociais como a família, a escola, a medicina, o direito para garantir que a normalização do corpo se efetive. A família, sobretudo a figura da mãe, cuida do corpo e da saúde das filhas/os, se torna a responsável pela gestão da família, para o qual esta organiza o tempo que vai se dedicar aos filhos, assim como as orientações que vai lhe repassar. Ainda na narrativa de Mayara observamos essa questão:

A minha mãe foi me *explicar*, quando eu menstruei eu tinha uns dez anos pra onze anos, acho que foi no mês de julho, ela me *explicou*, um dia ela me falou todas essas coisas, ela me *explicou* a respeito dos homens, a respeito do corpo, todas essas





coisas ela me *explicou*. Ela me *explicou* porque ela disse que a minha avó não explicou tão bem pra ela quando ela era mais nova, nessa fase. Aí ela explicou tudo bem *explicado*. Ela falou, olha o teu corpo vai mudar, tudinho essas coisas... Mas eu sabia que mulher usava absorvente já, porque eu já tinha visto. Ela *explicou* que eu deveria ter cuidado essas coisas, tipo com homem, que eu devia ter cuidado com o meu corpo, tipo, que homem pega, não pode tocar entendeu? [...] Eu me dei conta [que o corpo ia modificando] desde que eu era pequena, desde que eu tinha sete anos, eu já sabia! Porque eu já tinha visto assim, quando a gente é criança, brincar tipo de calcinha, aí a minha mãe nunca permitiu que a gente pudesse brincasse só de calcinha, ela sempre dizia, olha Mayara tu tem que andar de vestido. Eu também nunca gostei de mostrar barriga, eu nunca me senti à vontade, ao contrário, *o meu corpo é para me guardar não me mostrar*.

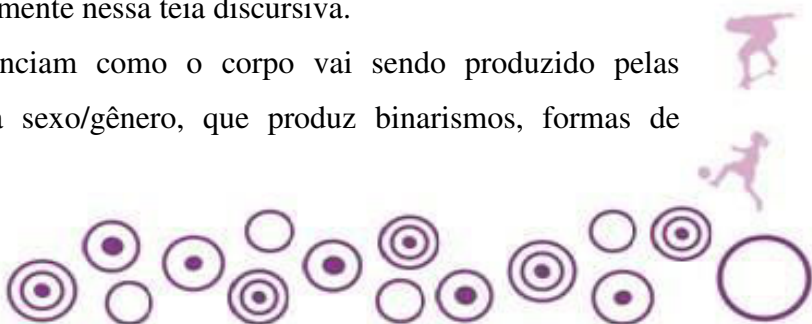
Mayara narra a relação entre mãe e filha de duas gerações e a relação das filhas com o corpo, suas transformações e a própria intimidade. A diferença de relação entre mãe e filha de duas gerações é marcada pela ação de *explicar* as transformações que o corpo sofrerá e os cuidados necessários com esse “novo corpo”, que precisa ser guardado. Entretanto, essa *explicação* recai no campo da *moral*, pois prescrevem regras de condutas pautadas em valores específicos como os cristãos, de modo que o controle minucioso do corpo é exigido.


A relação entre mãe e filha pautada nessa ideia de aconselhamento se configura num deslocamento em relação à avó de Mayara que se furtara de *explicar* as transformações do corpo e as implicações para a vida. O exercício de controle sobre o corpo regulado em sua aparência pela roupa que colocaria um limite na forma como a menina quer ser vista e na forma como os meninos a veem. Não exibir o corpo, “guardar o corpo” é considerado o modo de garantir a sua segurança, como forma de ter cuidado com os homens e de mantê-los afastados. “Guardar o corpo” pressupõe que a preocupação com as transformações do corpo da menina e os cuidados que ela deve ter é pensada dentro da matriz da heterossexualidade compulsória, em que haveria um caminho natural e coerente entre sexo-gênero-prática sexual-desejo (BUTLER, 2003).

### **Algumas considerações**

O trabalho com narrativas de jovens sobre os corpos nos permite inquirir os modos como este vai se produzindo nas tramas das relações de saber-poder engendradas por diferentes instâncias sociais como a escola e a família. O corpo longe de possuir apenas uma matriz biológica se produz como a superfície de materialização do exercício do poder, ao ser produzido sobre ele um conjunto de saberes seja científicos, religiosos, políticos... que os normaliza. O corpo é produzido historicamente nessa teia discursiva.

As narrativas dos jovens evidenciam como o corpo vai sendo produzido pelas demarcações impostas pela perspectiva sexo/gênero, que produz binarismos, formas de





controle e regulação. O corpo é produzido em sua materialidade nas relações de poder em que o “imperativo heterossexual” (BUTLER, 2010, p. 154) constitui as normas regulatórias.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: UNESP, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. O nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T.T. (org.) **O Sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Currículo, Gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: \_\_\_\_\_ et al. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

SILVA, Josenilda Maria Maués. **Pesquisa e ensino no trabalho com narrativas**. **Revista @mbienteeducação**, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008.

PORTOCARRERO, Vera. **Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem**. **Educação e Realidade**. 29(1):169-185 jan/jun 2004.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar  
Diagramação: Thomas Aguiar

